

A PRESENÇA DAS MULHERES NA LIDERANÇA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COM INDICAÇÃO DE UMA POSSÍVEL EDUCAÇÃO Matriarcal

Bárbara Fernanda Vendramine

Graduanda da Universidade Federal do Espírito Santo,
curso de Educação Física - Licenciatura.

Integrante do Grupo Práxis e do Projeto Goiamum
E-mail: babii.mais@gmail.com

Resumo: Este projeto é um estudo sobre o conceito de sociedade matriarcal por meio de Pesquisa Bibliográfica, de forma a nortear uma investigação acerca do cotidiano de comunidades com traços tradicionais do Estado do Espírito Santo. Trata-se de um estudo para registrar o comportamento político de mulheres que administram essas comunidades. Tais comportamentos nos chamaram a atenção através das manifestações de cultura popular apresentadas por alguns grupos, como O Jongo de São Benedito de Conceição da Barra, onde observamos preliminarmente mulheres que ocupam um lugar social de liderança sobre os homens. Tais observações repetiram-se quando tivemos contato com outras manifestações culturais de matriz africanas praticadas no Brasil, especialmente no norte do Espírito Santo e no Estado da Bahia. Acessando a literatura, principalmente a teoria de Johann Jakob Bachofen, nos deparamos com a afirmação da existência de Sociedades que se organizaram sob a liderança de mulheres, denominadas Sociedades Matriarcais. Nesse primeiro momento, será priorizada a pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos de Sociedade Matriarcal; segundo, faremos uma pesquisa sobre a herança Matriarcal presente nas comunidades de traços tradicionais e, terceiro, realizaremos uma inserção no campo para observar e registrar os comportamentos das mulheres e espelhar junto aos dados da pesquisa bibliográfica. Esperamos com este estudo proporcionar elementos para que a educação ofertada pelas instituições educacionais que atendem as comunidades tradicionais, reconheça o papel social da mulher no cotidiano das comunidades.

Palavras chave: Sociedade matriarcal, Danças afro-brasileiras, Organização Social.

Este estudo trata-se de um projeto que objetiva investigar comunidades com traços tradicionais do Estado do Espírito Santo para averiguar a presença de herança Matriarcal nessas comunidades; como se constituem as relações existentes nesse contexto e quais elementos se destacam nas manifestações culturais e religiosas dessas comunidades. Essa investigação ocorrerá com suporte na Pesquisa Bibliográfica realizada inicialmente neste ensaio, acerca do conceito de Sociedade Matriarcal, a partir da produção literária de Johann Jakob Bachofen, entre outros autores.

O interesse de estudar e pesquisar essa temática surge a partir do contato com manifestações de cultura popular do estado do Espírito Santo, apresentadas por alguns grupos, como O Jongo de São Benedito de Conceição da Barra, onde observamos preliminarmente mulheres que ocupam um lugar social de liderança sobre os homens. Tais comportamentos nos chamaram atenção e essas observações repetiram-se quando tivemos contato com outras manifestações culturais de matriz africanas praticadas no Brasil, especialmente no norte do Espírito Santo e no Estado da Bahia.

A relevância deste estudo consiste na importância de averiguar os traços existentes de uma possível organização social não tradicional e como os saberes não formais, tradições e cultura desta organização, adentram os sistemas formais de educação e como isso se reflete na comunidade.

Inicialmente procuramos entender o conceito existente do termo Matriarcado que deriva, respectivamente do latim e do grego, sendo que *mater* faz referência à mãe e *archein* (arca) significa reinar, governar. Segundo dicionários da língua portuguesa, matriarcado consiste num tipo de organização social onde o domínio econômico e social é exercido por mulheres, geralmente pela mãe mais velha da comunidade. Nessas organizações a matriarca é considerada a base da família e a partir dela é transmitida a herança familiar. À matriarca cabe o domínio e autoridade absoluta daquela família e/ou comunidade, devido ao fato da mulher dar a luz, o que lhe confere papel de hierarquia familiar.

Johann Jakob Bachofen (1815 – 1887) de nacionalidade suíça, foi jurista, antropólogo e professor de Direito romano na Universidade de Basileia, de 1841 a 1845. Ele é considerado o precursor dos estudos sobre o matriarcado e a possibilidade de existência de Sociedades Matriarcais. Em 1861 foi publicado o livro *Mother Right: an investigation of the religious and juridical character of matriarchy in the Ancient World* ("Direito matriarcal: uma investigação do caráter jurídico e religioso do matriarcado no Mundo Antigo"), de sua autoria. Segundo Bachofen (1967) essa obra reuniu documentos que buscavam comprovar que a maternidade foi a fonte de todas as sociedades humanas. Sua principal teoria era sobre um “direito-de-mãe”, contextualizado dentro de uma religião matriarcal. De acordo com esta teoria, o patriarcalismo só teria surgido para substituir a já existente base matriarcal de sociedade, que nasce desde a religião pré-histórica.

De acordo com Bachofen (1967), a hipótese de clãs matriarcais pode ser confirmada pela descrição da trajetória da economia do período paleolítico (2.6 milhões de anos a 10.000 a.C.), caracterizado por caçador-coletor, isto é, atividade 80% de recolha daquilo que a natureza fornece espontaneamente. Esta atividade precede a revolução neolítica (10.000 a 3.000 a.C.) e a conseqüente sedenterização, que levou à consolidação das civilizações agrícolas pelas mulheres, do Egito e da Mesopotâmia, entre outras; “a atividade belicosa da pecuária ou domesticação, período de consolidação do patriarcado, foi uma evolução posterior das civilizações” (NUNES, 1987, p. 64). Esta abordagem mítico-religiosa de uma religião matriarcal prevaleceu entre as civilizações antigas e nos respectivos mitos. Descobertas arqueológicas revelam a existência de arte rupestre e de estatuetas de culto ao corpo feminino, à fertilidade e com isso à noção de origem da vida e do mundo. A religião matriarcal pressupõe a adoração à Grande Deusa ou *Deusa Mãe*, onde os ritos de adoração a natureza, fertilidade e sacralidade são priorizados.

Robert Graves também narra um período pré-histórico de religião matriarcal na obra *“The Greek Myths”* e *“The White Goddess”* (“A Deusa branca”). Marija Gimbutas, Merlin Stone, Jane Ellen Harrison, Joseph Campbell, Erich Neumann, James Frazer, Sir Arthur Evans, Riane Eisler, são alguns dos nomes que foram diretamente influenciados por Bachofen. O termo religião matriarcal surge então no feminismo da década de 1970, baseado na noção de matriarcado proposta anteriormente por Bachofen.

Merlin Stone, por exemplo, estudou as estatuetas de Vênus do Paleolítico e culto universal à serpente como evidências de uma religião matriarcal desde a pré-história até as civilizações antigas do politeísmo pré-helênico. Ela e Marija Gimbutas são chamadas de autoras do ramo da arqueologia feminista dos anos 70. A obra *“The Civilization of the*

Goddess” (“A civilização da Deusa” - 1989) tornou-se um trabalho padrão para a teoria de um patriarcado e "androcrazia" que teria surgido na Idade do Bronze, substituindo o Neolítico centrado no culto da Deusa mãe. Segundo Merlin Stone (1976) a religião matriarcal tinha como culto universal a serpente que era o símbolo fundamental de sabedoria espiritual, fertilidade, vida e força. A autora desenvolve o tema segundo o qual a religião matriarcal era disseminada desde a Pré-História até as civilizações pagãs e a Bíblia seria o resultado de um esforço para substituir a adoração à Grande Deusa pela religião patriarcal de um Deus hebraico/cristão, exemplificada pela árvore da vida (alegoria bíblica do Paraíso) e local de culto à Deusa, onde eram oferecidos os frutos (exemplificada na maçã) em sua homenagem.

Outros pesquisadores da arqueologia analisaram estátuas da chamada Era do Gelo (40.000 - 10.000 a.C.) e descobriram grande quantidade de estátuas femininas conhecidas como Vênus ou Estatuetas de Vênus e identificaram-nas como representações de Deusa mãe. Uma das mais conhecidas representações – que também foi estudada por Merlin Stone - é a Vênus de Willendorf. Alguns sugerem que a corpulência representa um elevado estatuto social numa sociedade caçadora-coletora e que, além da possível referência à fertilidade, a imagem podia ser também um símbolo de segurança, de sucesso, bem-estar e proteção. Para os antigos, que viviam dependentes da agricultura e dos ciclos da natureza, a fertilidade proveniente da natureza era a ideia mais imediata da divindade generosa que fornecia frutos, e também à fertilidade feminina, sendo por isso associada à Divindade. Na mitologia antiga são consagrados também os mitos femininos das Deusa-mãe, Valquírias, Erínias, Harpias e a Deusa da sabedoria, inteligência e da guerra, a deusa Atena, entre muitos outros. As sacerdotisas (Diotima de Mantinea, Temistocléia) ou pitonisas (Pítia), as Amazonas ou mulheres guerreiras, matemáticas (Hipátia de Alexandria, Theano) constituem exemplos de relevantes figuras femininas da sociedade grega antiga.

A possível existência de uma sociedade baseada na religião matriarcal foi também sugerida no século XIX, em 1861, quando o arqueólogo britânico Sir Arthur Evans descobriu a Civilização Minoica e afirmou tratar-se de uma sociedade matriarcal, pois a religião cretense baseava-se exclusivamente na adoração de divindades femininas, confirmando a ideia de uma religião matriarcal.

Para além das teorias de religiões matriarcais, pesquisas mais recentes realizadas na escola de "Estudos do Matriarcado" dirigida por Heide Göttner-Abendroth propõe uma redefinição do termo. Göttner-Abendroth define "Estudos Matriarcais Modernos" como "investigação e apresentação de sociedades não patriarcais", definindo "matriarcado" como "não-patriarcado". Da mesma forma, Peggy Reeves Sanday (2004) propôs definir a matrilinear sociedade de Minangkabau como simplesmente matriarcado.

Segundo ela, a Ilha de Sumatra (Indonésia) e em Mosuo, na província de Sichuan (China), vivem em uma organização matriarcal. O prefixo ama é usado para a palavra grega amazona, que se refere as guerreiras dessa civilização; na África e entre a sociedade Mosuo, com o mesmo significado. Na língua dos mosuos a palavra Ama significa Mãe. Isto é uma grande analogia com o nome que se refere as amazonas. Também pode se aplicar aos berberes no Norte da África, que foram matriarcais no passado, chamando-se de Amazigh em sua língua natural. De todas estas analogias pode-se, segundo ela, concluir que a muito antiga palavra ama tem o significado de Mãe no sentido mais estrito, e no sentido figurativo, sociedade matriarcal.

O prefixo também está ligado à mitologia suméria e sua deusa suprema Tiamat: algumas fontes identificam-na com a imagem de uma serpente do mar ou dragão. No

poema Enûma Elish, o épico que narra a Criação, ela dá vida a todas as gerações de divindades. Os Céus e a Terra são formados do seu corpo dividido. Os arqueólogos Thorkild Jacobsen e Walter Burkert (1993), ambos argumentam que há uma conexão com a palavra acádica para mar, tâmtu, seguindo uma antiga forma, ti'amtum. Tiamat pode ter sido derivada também do sumério ti (vida), e ama (mãe). As várias traduções e sinônimos da palavra mãe apontam para ama: Maa, Amma; Mata é usado na Índia e em alguns países vizinhos, originado do sânscrito matrika e mata; Ma, Mam ou Mammy é usado na Irlanda e no norte da Inglaterra; é também usado nos Estados Unidos. De acordo com a Enciclopédia Britânica, Tiamat (que personifica as águas salgadas) é uma importante figura mitológica descrita no texto Enuma Elish, as sagradas escrituras dessa civilização, e uma das mais populares influências da cultura pagã na Bíblia, tendo inspirado a serpente bíblica e o seus simbolismos desde a Pré-História até as civilizações antigas.

Segundo dados do IBGE, no Brasil, o percentual de mulheres chefes de família cresceu 79% em dez anos, passando de 10 milhões em 1996 para 18 milhões em 2006. Poucas sociedades no planeta são consideradas como matriarcais. Um exemplo vem do noroeste da Índia, de um povo chamado Khasi. Nesta sociedade o sobrenome que identifica uma família vem da mãe (matrilinearidade) e é somente através das mulheres que o clã se perpetua. Assim sendo, as mulheres são as únicas herdeiras. Sua superioridade em relação aos homens é tal que, no caso de uma família não ter condições para oferecer a todos os seus filhos a oportunidade de ir à escola, a preferência é dada às meninas, ficando os meninos analfabetos. Na China contemporânea, no povoado mosuo de 30 mil pessoas, às margens do Lago Lugu, há uma comunidade matriarcal, aonde não existem os papéis de pai ou marido. A propriedade particular e o nome da família são passados de mãe para filha; os homens fazem as atividades domésticas e são comandados pelas mulheres. Na Indonésia, o povo Minangkabau é da parte oeste da ilha e a organização é matriarcal. A propriedade segue a linhagem de mãe para filha e o sobrenome é sempre o materno. A manufatura é principal atividade dessas artesãs que fazem sarongues bordados com fios dourados.

Há ainda especulações sobre uma possível organização matriarcal na etnia de Bijagó que é um grupo de referência na Guiné-Bissau – país que abriga em seu pequeno espaço geográfico (36.125km²) cerca de 30 grupos étnicos. Esta etnia dá nome ao conjunto de 80 ilhas que formam o Arquipélago dos Bijagós. Único arquipélago deltaico da costa oeste africana, classificado em 1996 pela UNESCO como Reserva da Biosfera, os Bijagós representam 70 por cento da população que ali habita e o modo de vida que eles desenvolvem em harmonia com a natureza explica o seu estado de conservação. De acordo com a autora Eva Kipp, em sua obra “Aspectos da Vida de um Povo”, a importância atribuída às mulheres naquela sociedade explica o fato de muitos considerarem esta sociedade como sendo um matriarcado. Entretanto o sócio-antropólogo Raul Fernandes acredita que a sociedade Bijagó não é matriarcal. Segundo ele, o sistema patriarcal exerce-se diferentemente em várias partes do mundo e, no caso dos Bijagós, há algumas particularidades na forma como o patriarcado acontece; que está estritamente ligado ao grau de estruturação que as mulheres Bijagós têm e que se deve, em grande medida, à forma como elas se organizam, ou como a sociedade organizou o seu processo de socialização.

“As mulheres mantiveram entre si certas formas de transmissão do saber e de organização da sociedade muito ligadas à idade, mas também às formas de cerimônias e ao

religioso. E isso dá uma certa coesão ao grupo das mulheres que conseguem ganhar uma autonomia cerimonial e religiosa, e faz com que elas possam estar presentes nas suas relações com as entidades e outras formas de poder masculino numa situação de poder discutir direitos face-a-face.”

Apesar dessas comunidades citadas, a existência de uma sociedade inteiramente matriarcal nunca foi comprovada e mesmo com os estudos já realizados sobre o tema, essa possibilidade de organização sempre foi contestada. Ainda assim nos dias atuais prosseguem discussões e estudos sobre o matriarcado. Intelectuais feministas ligadas aos estudos das formas do matriarcado moderno consideram qualquer forma de sociedade não patriarcal, matrilinear, matriloal e avuncular como parte do objeto de investigação. Durante congressos mundiais de estudos sobre o matriarcado, têm sido inclusive apresentados relatos de porta-vozes indígenas de sociedades tradicionais consideradas como matriarcais. O primeiro teve lugar em Luxemburgo, em 2003, e foi patrocinado pela ministra dos Assuntos da Mulher de Luxemburgo, Marie-Josée Jacobs, tendo sido organizado e dirigido por Heide Göttner-Abendroth, fundadora da Hagia - International Academy for Modern Matriarchal Studies and Matriarchal Spirituality, criada em 1986, na Alemanha. O segundo ocorreu em 2005, em San Marcos, Texas. 19 O evento foi patrocinado por Genevieve Vaughan e novamente dirigido por Heide Goettner-Abendroth.

A partir dos estudos realizados, foi possível constatar a insuficiência de literatura existente sobre o assunto, principalmente em relação a autores brasileiros. Tornou-se uma tarefa árdua encontrar fontes teóricas para realização da pesquisa, o que ressalta a necessidade de discussões nacionais sobre este tema; primeiramente para entendimento e reflexão sobre o mesmo e posteriormente averiguação da existência de traços e/ou herança de uma possível organização matriarcal no país, principalmente em regiões específicas, onde há práticas religiosas que culminam em representações populares de uma cultura matriarcal, visto que a relação entre religião e matriarcado sempre foi muito próxima.

Sendo assim, neste primeiro momento, procuramos priorizar a pesquisa bibliográfica sobre matriarcado, seu conceito e suas variáveis, visto que pretendemos investigar a presença de herança Matriarcal nas comunidades de traços tradicionais do Espírito Santo, em específico, do norte do estado – Conceição da Barra – para que por fim, seja realizada uma inserção no campo para observar e registrar os comportamentos das mulheres e espelhar junto aos dados da pesquisa bibliográfica.

Pretendemos levantar todos os dados possíveis que revelarem a influência dos traços de organização social em que se predomina a liderança feminina e que apresenta vínculo com as religiões afro-brasileiras nas comunidades estudadas e também se há aproximação ou distanciamento entre as manifestações das comunidades e as instituições educadoras.

O estudo prevê várias fontes de informação, dentre elas, as festas e diversos rituais das comunidades, que revelam a presença marcante das mulheres na organização, na direção, nas decisões e na execução de tarefas. O cotidiano das mulheres nas comunidades e dirigentes e mestres das manifestações culturais e religiosas, crianças (em específico, as meninas) das comunidades e estudantes e professores das escolas localizadas na área de pesquisa também serão fontes de fornecimentos de dados para nosso estudo.

Esta região do norte do estado foi inicialmente escolhida por haver nela uma manifestação folclórica, conhecida por Jongo de São Benedito, visto que nessa

manifestação há indícios de traços de organização matriarcal, provavelmente herdados pelos índios e negros, que constituíram a formação populacional deste município. Trata-se de um Jongo, cuja tradição remonta aos terreiros dos tempos da escravidão e que foi reconhecido como patrimônio histórico imaterial do Brasil. O Jongo é uma dança de roda em louvor a santo. Nestes sertões capixabas onde se proliferavam quilombos, rodas de jongo sempre foram fartas. A mais tradicional de todas é a de São Bartolomeu, que já foi de Santa Bárbara e é mantida pelas mulheres de Santana, mas já se formou uma roda em louvor a Benedito Santo, nas Barreiras. Este jongo é feito com dois tambores e casacas (reco-recos artesanais) tocados exclusivamente por homens. A roda é a contrapartida feminina no jongo. As mulheres giram, indo ao centro da roda, no que vão se revezando, enquanto cantam versos em resposta às trovas lançadas pelos tocadores. É também pela vontade das mulheres é que a roda se abre ou não à participação popular. A repetição insistente dos movimentos circulares e da cantiga, acompanhada da energia contagiante da percussão, produzem um 'transe' coletivo, abrindo caminho para a benção descer sobre os devotos. A exemplo do que acontece hoje com o Samba de São Benedito, que parte de Valença, na Bahia, e se embrenha por estes sertões esmolando para a festa do Sábado de Aleluia, na Itaúnas antiga era o jongo quem esmolava para São Benedito, levado por Mané Vito e seus companheiros. Wantuil, mestre dos Bongados, incentiva a tradição do Jongo batendo tambores e formando roda nos intervalos do ensaio geral do Ticumbi – outra manifestação folclórica e específica do Espírito Santo.

A partir da escolha de região a ser estudada, reafirmamos a importância de analisar as relações existentes no contexto dessa comunidade a ser pesquisada e suas manifestações culturais, especificamente a dança e o folclore, observando como elas refletem esse tipo de organização social onde a liderança feminina e as religiões afro-brasileiras predominam e quais são suas influências no ambiente escolar.

Esperamos com este estudo proporcionar elementos para que a educação ofertada pelas instituições educacionais que atendem as comunidades tradicionais reconheça o papel social da mulher no cotidiano das comunidades.

REFERÊNCIAS

BACHOFEN J. J. (1967). *Myth, Religion, and Mother Right: Selection Writings of J.J. Bachofen*. New York. Princeton University Press.

BURKERT, Walter. (1993). *The Orientalising Revolution: Near Eastern Influences on Greek Culture in the Early Archaic Age*.

NUNES, C. A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. SP: Papyrus.

STONE, M. (1976) *When God Was a Woman*.